

Pedro Latôeiro e Filipe Domingues

O MUNDO
NÃO TEM
QUE SER
ASSIM

Biografia de

ANTÓNIO GUTERRES



SUMÁRIO

Levantar voo – Nota à edição brasileira	9
Nota do editor.....	13
Prólogo: a paz em risco.....	15

PRIMEIRA PARTE | A PÁRABOLA DOS TALENTOS

1. O vizinho da frente.....	23
2. As cheias de Lisboa.....	31
3. Padre Melícias	45
4. Um trabalho de relojoeiro.....	65
5. Estados Gerais	107

SEGUNDA PARTE | RAZÃO E CORAÇÃO

1. Ordem e progresso.....	133
2. Em direção a uma aliança.....	153
3. O trabalho em Bruxelas.....	175
4. O Referendo	195
5. A pedra no sapato	209
6. Entre a espada e a parede.....	235
7. Para fora do pântano.....	259

TERCEIRA PARTE | UM INFERNO DE CADA VEZ

1. A rede.....	283
2. O lixo, a lama e a poeira.....	303
3. A enfermeira e o cirurgião.....	327

4. Mudança de maré	351
5. Fé e proteção	381
6. A grande marcha	405

QUARTA PARTE | NERVOS DE AÇO

1. Depois da Malásia	455
2. De regresso à campanha.....	485
3. Quinze votos.....	513
4. Xequemate.....	545

Epílogo: novos termos de referência	571
Anexo: Welcoming the stranger: affirmations for faith leaders	575
Notas.....	579
Bibliografia	605

LEVANTAR VOO

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

“Engenheiro, acho que já sei o que vai me responder... mas uns dias atrás recebi dois antigos jornalistas, que querem escrever sua biografia e gostariam de entrevistá-lo.”

“Não tenho interesse.”

“Eu sei, mas olhe que faz sentido: o sr. acaba de ser eleito Secretário-Geral das Nações Unidas, isto é para um público internacional, não há nenhum livro sobre o seu percurso...”

“Sim, agradeço, mas não vou ter tempo para isso.”

Mais palavra, menos palavra, foi assim que António Guterres reagiu à nossa primeira abordagem, em outubro de 2016, enquanto viajava pela América do Sul.

O voo entre Cartagena das Índias, na Colômbia, e Brasília – onde seria o convidado de honra da reunião de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – duraria quase 10 horas. Foi tempo mais que suficiente para David Damião, antigo assessor de imprensa de António Guterres, na época em que foi Primeiro-Ministro, tornar-se o padrinho informal desta obra.

Por ter acreditado desde o início em dois nomes desconhecidos, e sem qualquer livro publicado, esta página de agradecimentos tem de começar por ele. E, claro, pelo biografado.

Após um ano de trabalho, António Guterres aceitou nos receber em Nova Iorque. No seu gabinete, explicamos nossa visão – durante a campanha que o elegera Secretário-Geral, verificamos que o pensamento político do futuro líder da ONU não era conhecido – e nossas

motivações para escrever este livro – dar visibilidade ao papel insubstituível das Nações Unidas no Mundo e ao debate sobre as ideias defendidas pelo português que chefiava a Organização, em particular sobre as questões que já marcavam esta geração e que iriam, com toda a certeza, marcar as próximas.

Justificamos, nessa mesma ocasião, que a obra terminaria no momento em que assumira funções, já que seria extemporâneo tentar cobrir esse mandato. A história da ONU que começa na administração de Donald Trump, continuando na pandemia da Covid-19 e que se estende pelas guerras na Ucrânia e em Gaza, merece um outro livro. Para entender as motivações e os objetivos das ações de António Guterres, durante este período crítico das relações internacionais, em que o próprio sistema das Nações Unidas enfrenta o risco de ruptura, é necessário um distanciamento que apenas o passar dos anos poderá brindar.

Nenhum Secretário-Geral teve vida fácil, mas Guterres chegou à ONU numa conjuntura especialmente perigosa, marcada pela erosão das democracias e pelo retrocesso da agenda dos direitos humanos, pela competição entre grandes potências e pela proliferação de novos riscos para a paz e segurança internacionais. Essas fraturas no equilíbrio global de poder colocam as Nações Unidas num ponto de inflexão. Guterres não tem poder executivo, mas é nos seus ombros que a cidadania global deposita suas esperanças de paz e concórdia.

Por isso, na primeira conversa com o Secretário-Geral da ONU, deixamos claro que este livro se destinava a uma audiência internacional. Garantimos que não tínhamos agenda nem partido político, que se tratava de uma ideia original e sem financiamento externo. Prometemos ser imparciais e objetivos.

António Guterres nos concedeu quatro entrevistas exclusivas e presenciais, em que perguntamos tudo o que quisemos. Nunca nos foi pedido que anunciássemos previamente ao que íamos. Foram, na realidade, mais conversas livres do que propriamente entrevistas, durante as quais o

biografado respondeu sempre a tudo. Adicionalmente, deu-nos acesso ao seu arquivo fotográfico pessoal e foi também, a nosso pedido, o primeiro leitor deste livro.

É, por isso, da mais elementar justiça reconhecer que, não sendo este um trabalho encomendado, a presente biografia não poderia ter sido escrita com o mesmo rigor, nem com a mesma profundidade, nem com o mesmo entusiasmo, sem os contributos inestimáveis do Secretário-Geral da ONU.

A participação de António Guterres torna-se ainda mais relevante sabendo que não tinha qualquer relação prévia com nenhum de nós e que, à exceção de um brevíssimo encontro nos meses da candidatura de 2016, nunca tinha sequer nos visto.

Mas esta biografia política é baseada ainda em mais de 120 entrevistas – a ex-Chefes de Estados e membros de Governos, diplomatas e artistas, empresários e líderes religiosos, acadêmicos e humanitários, altos funcionários das Nações Unidas e gente de todo o Mundo – que nos permitiram reconstruir os momentos mais importantes da carreira de António Guterres. A todas e todos, bem como aos inúmeros amigos que emprestaram seus bons ofícios e seu entusiasmo para nos colocar em contato com os entrevistados, o nosso mais sincero agradecimento. Seria excessivo referirmo-nos a todos. Seria ingrato não mencionar alguns: Ana Gomes, Anna Bergström, Athar Sultan-Kahn, Carlos Lopes, Jaime Moro Agud, Jean-François Blarel, João Lima Pimentel, Marta Ceia, Miguel Graça, Wilhelm Hofmeister. Graças a eles, tivemos oportunidade de ir atrás de histórias perdidas em Madrid e em Paris, em Nova Iorque e em Genebra, assim como num campo de refugiados erguido a poucos quilómetros da Síria. No ACNUR, temos de agradecer à Marwa Hashem, que nos guiou pelos estreitos caminhos de Zaatari, na Jordânia, e que nos introduziu nas casas e nas famílias de refugiados, todos eles com nome e uma história própria, pessoas que há pouco tempo viviam vidas em tudo semelhantes às nossas.

É também indispensável agradecer à nossa editora, Ana Lopes, à nossa advogada-conselheira-e-companheira-de-almoços-e-jantares, Diana Domingues, e ao Paulo Neves, por todo o apoio e encorajamento. Finalmente, às duas pessoas que durante mais tempo e mais intensamente nos acompanharam, às duas mulheres que tantas vezes nos viram deitar e acordar às 5h da manhã: Sandra Simões e Maria Luísa Santos.

Obrigado e boa leitura.

Pedro Latoeiro
Filipe Domingues